

A PSICOLOGIA
DAS MASSAS

GUSTAVE LE BON

A PSICOLOGIA
DAS MASSAS

Tradução de
Maria Albuquerque Caiado

alma
dos
livros

ÍNDICE

PREFÁCIO 15

INTRODUÇÃO: A ERA DAS MASSAS 19

PRIMEIRA PARTE: A ERA DAS MASSAS 27

CAPÍTULO UM – CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS MASSAS.

LEI PSICOLÓGICA DA SUA UNIDADE MENTAL

O que constitui uma multidão do ponto de vista psicológico.
– Uma aglomeração numerosa de indivíduos não é suficiente para formar uma multidão. – Características especiais das massas psicológicas. – Orientação fixa das ideias e sentimentos nos indivíduos que as compõem e o desaparecimento da sua personalidade. – A multidão é sempre dominada pelo inconsciente. – Desaparecimento da vida cerebral e predomínio da vida medular. – Diminuição da inteligência e completa transformação dos sentimentos. – Os sentimentos transformados podem ser melhores ou piores do que os dos indivíduos que compõem a multidão. – A multidão é tão facilmente heroica quanto criminosa. 29

CAPÍTULO DOIS – SENTIMENTOS E MORALIDADE DAS MASSAS

1. *Impulsividade, mobilidade e irritabilidade das massas.*

– A multidão é o joguete de todos os estímulos externos e reflete as suas incessantes variações. – Os impulsos a que obedece são suficientemente imperiosos para que o interesse pessoal seja apagado. – Nada é premeditado nas massas. – Ação da raça.

2. *Sugestibilidade e credulidade das massas.* – A sua obediência às

sugestões. – As imagens evocadas nas suas mentes são tomadas como realidades. – Por que razão essas imagens são semelhantes para todas as pessoas que compõem uma multidão. – Equidade do erudito e do imbecil numa multidão. – Vários exemplos das ilusões a que todas as pessoas de uma multidão estão sujeitas. – Impossível dar qualquer crédito ao testemunho de massas. – A unanimidade de testemunhos vários é uma das piores provas que se pode invocar para estabelecer um facto. – Fraco valor dos livros de história. 3. *Exagero e simplismo dos sentimentos das massas.* – As massas não conhecem nem o dom nem a incerteza e vão sempre aos extremos. – Os seus sentimentos são sempre excessivos. 4. *Intolerância, autoritarismo e conservadorismo das massas.* – Razões para esses sentimentos. – Servilidade de massas perante uma forte autoridade. – Os instintos revolucionários momentâneos das massas não as impedem de ser extremamente conservadoras. – São instintivamente hostis à mudança e ao progresso. 5. *Moralidade das massas.* – A moralidade das massas pode, segundo a sugestão, ser muito mais baixa ou muito mais alta do que a das pessoas que as compõem. – Explicação e exemplos. – As massas raramente são guiadas pelo interesse que é, na maioria das vezes, o motivo exclusivo de alguém isolado. – O papel moralizador das massas. 38

CAPÍTULO TRÊS – IDEIAS, RACIOCÍNIOS E IMAGINAÇÃO
DAS MASSAS

1. *As ideias das multidões.* – Ideias fundamentais e ideias acessórias. – Como as ideias contraditórias podem subsistir simultaneamente. – Transformações que as ideias superiores devem sofrer para serem acessíveis às massas. – O papel social das ideias é independente da parcela de verdade que podem conter. 2. *Os raciocínios de massas.* – As massas não são influenciadas por raciocínios. – Os raciocínios de massas são sempre de uma ordem muito inferior. – As ideias que associam têm apenas aparência de analogia ou sucessão. 3. *A imaginação das massas.* – *O poder da imaginação das massas.* – Eles pensam por imagens, e estas sucedem-se sem qualquer conexão. – As massas são atingidas sobretudo pelo lado maravilhoso

das coisas. – O maravilhoso e lendário são os verdadeiros alicerces das civilizações. – A imaginação popular sempre foi a base do poder dos homens de estado. – Como se apresentam os factos capazes de impressionar a imaginação das massas. 56

**CAPÍTULO QUATRO – FORMAS RELIGIOSAS ASSUMIDAS
POR TODAS AS CONVICÇÕES DAS MASSAS**

O que constitui o sentimento religioso. – É independente da adoração de uma divindade. – As suas características.
– Poder das convicções que assumem a forma religiosa.
– Vários exemplos. – Os deuses populares nunca desapareceram.
– Novas formas sob as quais renascem. – Formas religiosas de ateísmo. – Importância destas noções do ponto de vista histórico.
– A Reforma, a São Bartolomeu, o Terror e acontecimentos análogos são a consequência dos sentimentos religiosos das massas e não da vontade de pessoas isoladas. 65

SEGUNDA PARTE: AS OPINIÕES

E CRENÇAS DAS MASSAS 71

**CAPÍTULO CINCO – FATORES REMOTOS DAS CRENÇAS
E OPINIÕES DAS MASSAS**

Fatores preparatórios das crenças das massas. – O florescimento das crenças das massas é a consequência de uma elaboração anterior. – Estudo dos vários fatores dessas crenças.
– 1. *Raça*. – *Influência predominante*. – Representa as sugestões dos ancestrais. – 2. *Tradições*. – São a síntese da alma da raça.
– Importância social das tradições. – Como, depois de necessárias, se tornam prejudiciais. – Multidões são os conservadores mais tenazes de ideias tradicionais.
– 3. *Tempo*. – Prepara sucessivamente o estabelecimento de crenças, depois a sua destruição. – É graças a ele que a ordem pode emergir do caos. – 4. *Instituições políticas e sociais*. – Ideia errada do seu papel. – A sua influência é extremamente fraca.
– São efeitos, não causas. – Os povos não podem escolher as instituições que parecem melhores. – Instituições são rótulos que, sob o mesmo título, abrigam as coisas mais distintas.
– Como podem ser criadas constituições. – Necessidade para

certos povos de certas instituições teoricamente más, como a centralização. – 5. *Instrução e educação*. – Erro nas ideias atuais sobre a influência da educação nas massas. – Indicações estatísticas. – Papel desmoralizante da educação latina. – Papel que a educação poderia desempenhar. – Exemplos fornecidos por vários povos. 73

CAPÍTULO SEIS – FATORES IMEDIATOS DAS OPINIÕES DAS MASSAS

1. *Imagens, palavras e fórmulas*. – O poder mágico das palavras e fórmulas. – O poder das palavras está ligado às imagens que evocam e é independente do seu significado real. – Essas imagens variam de época para época, de raça para raça. – O desgaste das palavras. – Exemplos de variações consideráveis no significado de algumas palavras muito usuais. – Utilidade política de batizar coisas antigas com novos nomes, quando as palavras pelas quais foram designadas produzem uma impressão indesejada nas massas. – Variações no significado das palavras de acordo com a raça. – Diferentes significados da palavra «democracia» na Europa e na América. – 2. *Ilusões*. – A sua importância. – Encontram-se na base de todas as civilizações. – Necessidade social de ilusões. – As massas preferem-nas às verdades. – 3. *A experiência*. – Só a experiência pode estabelecer, na alma das massas, as verdades que se tornaram necessárias, e destruir ilusões que se tornaram perigosas. – A experiência só funciona se repetida com frequência. – O que costumam as experiências necessárias para persuadir as massas. – 4. *Razão*. – Nulidade da sua influência sobre as massas. – Apenas agimos sobre elas agindo nos seus sentimentos inconscientes. – O papel da lógica na história. – As causas secretas de acontecimentos improváveis. 88

CAPÍTULO SETE – LÍDERES DE MASSAS E OS SEUS MEIOS DE PERSUASÃO

1. *Líderes de massas*. – Necessidade instintiva de todos os elementos de uma multidão de obedecer a um líder. – Psicologia dos líderes. – Só eles podem criar fé e dar organização às massas. – Despotismo forçado dos líderes. – Classificação dos líderes. – Papel da vontade. – 2. *Os meios de ação dos dirigentes*. – Afirmação, repetição, contágio. – Papéis respetivos destes

- vários fatores. – Como o contágio pode ascender das camadas inferiores às camadas superiores de uma sociedade.
 – Uma opinião popular torna-se logo opinião geral.
 – 3. *O prestígio*. – Definição e classificação de prestígio.
 – Prestígio adquirido e prestígio pessoal. – Vários exemplos.
 – Como morre o prestígio. 99

CAPÍTULO OITO – LIMITES DE VARIABILIDADE DE CRENÇAS E OPINIÕES DE MASSAS

1. *Crenças fixas*. – Invariabilidade de certas crenças gerais.
 – São os guias de uma civilização. – Dificuldade em desenraizá-las.
 – Como a intolerância constitui uma virtude para os povos.
 – O absurdo filosófico de uma crença geral não pode prejudicar a sua propagação. – 2. *As opiniões móveis das massas*.
 – Extrema mobilidade de opiniões que não derivam de crenças gerais. – Variações aparentes de ideias e crenças em menos de um século. – Limites reais dessas variações. – Elementos sobre os quais incide a variação. – O presente desaparecimento das crenças gerais e a extrema difusão da imprensa tornam as opiniões cada vez mais móveis nos dias de hoje. – Como as opiniões das massas tendem na sua maioria à indiferença.
 – A impotência dos governos para direcionar a opinião pública como antigamente. – A atual fragmentação de opiniões impede a tirania. 116

TERCEIRA PARTE: CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS VÁRIAS CATEGORIAS DE MASSAS 127

CAPÍTULO NOVE – CLASSIFICAÇÃO DAS MASSAS

- Divisões gerais das massas. – A sua classificação.
 – 1. *Multidões heterogêneas*. – Como se diferenciam. – Influência da raça. – A alma da multidão é tão mais fraca consoante a alma da raça for mais forte. – A alma da raça representa o estado de civilização e a alma da multidão o estado de barbárie.
 – 2. *Multidões homogêneas*. – Divisão de massas homogêneas.
 – Seitas, castas e classes. 129

CAPÍTULO DEZ – AS CHAMADAS TURBAS CRIMINOSAS

As chamadas turbas criminosas. – Uma turba pode ser legalmente, mas não psicologicamente, criminoso.
– Total inconsciência dos atos das turbas. – Exemplos diversos.
– Psicologia dos *septembriseurs*. – O raciocínio, a sensibilidade, a ferocidade e a moralidade. 133

CAPÍTULO ONZE – AVALIAR OS JURADOS DO TRIBUNAL PENAL

Os jurados do tribunal penal. – Características gerais dos júris.
– As estatísticas mostram que as suas decisões são independentes da sua composição. – Como impressionar os jurados.
– Ação fraca do raciocínio. – Métodos de persuasão de advogados famosos. – Natureza dos crimes para os quais os jurados são brandos ou severos. – Utilidade da instituição do júri e o extremo perigo que representaria a sua substituição por magistrados. 137

CAPÍTULO DOZE – MASSAS ELEITORAIS

Características gerais das massas eleitorais. – Como persuadi-las.
– Qualidades que o candidato deve possuir. – Necessidade de prestígio. – Por que razão os trabalhadores e os camponeses raramente escolhem candidatos entre si. – Poder das palavras e das fórmulas sobre o eleitor. – Aspeto das discussões eleitorais.
– Como se formam as opiniões do eleitor. – Poder dos comités.
– Representam a forma mais temível de tirania. – Os comités da Revolução. – Apesar do fraco valor psicológico, o sufrágio universal não se pode substituir. – Por que razão seriam idênticos os votos, embora o direito de sufrágio fosse restrito a uma classe limitada de cidadãos. – O que o sufrágio universal expressa em todos os países. 143

CAPÍTULO TREZE – AS ASSEMBLEIAS PARLAMENTARES

As massas parlamentares apresentam a maioria das características comuns às massas heterogêneas não anónimas. – Simplicidade das opiniões. – Sugestibilidade e os seus limites. – Opiniões fixas irreduzíveis e opiniões móveis. – Porque predomina a indecisão.
– Papel dos líderes. – Razão do seu prestígio. – Eles são os verdadeiros mestres de uma assembleia cujos votos são apenas

os de uma pequena minoria. – Poder absoluto que exercem.
– Os elementos da sua arte oratória. – Palavras e imagens.
– Necessidade psicológica dos líderes de serem geralmente convencidos e limitados. – Impossibilidade de o orador sem prestígio fazer valer as suas razões. – Exagero de sentimentos, bons ou maus, nas assembleias. – Automatismo a que chegam em certos momentos. – As sessões da Convenção. – Casos em que uma assembleia perde características de multidão.
– Influência de especialistas em questões técnicas. – Vantagens e perigos do sistema parlamentar em todos os países. – Está adaptado às necessidades modernas; mas acarreta o desperdício de finanças e a restrição progressiva de todas as liberdades.
– *Conclusão da obra.* 151

NOTAS 167

PREFÁCIO

O conjunto de características comuns que a hereditariedade impõe a todos os indivíduos de uma raça constitui a alma desta. Porém, quando um certo número desses indivíduos se junta numa multidão para agir, a observação mostra que, do próprio facto de se reunirem, resultam algumas novas características psicológicas que se sobrepõem às características raciais e que às vezes diferem profundamente delas.

As massas organizadas sempre desempenharam um papel considerável na vida dos povos; mas esse papel nunca foi tão importante como hoje. A ação inconsciente das massas, que substitui a atividade consciente dos indivíduos, é uma das principais características da época atual.

Tentei abordar o difícil problema das massas através de procedimentos exclusivamente científicos, ou seja, tentando aplicar um método e afastar opiniões, teorias e doutrinas. Creio que esta é a única maneira de conseguir descobrir algumas frações de verdade, especialmente quando se trata, como aqui, de uma questão que apaixona grandemente os espíritos. O cientista que procura observar um fenómeno não tem de se preocupar com os interesses que as suas observações podem vir a ofender. Numa publicação, o eminente pensador Goblet d'Alviella observou que, embora não pertencendo a nenhuma das escolas contemporâneas, me encontrava por vezes em oposição a algumas conclusões de todas elas. Este novo trabalho, espero, será merecedor da mesma

observação. Pertencer a uma escola é forçosamente abraçar os seus preconceitos e sectarismos.

No entanto, devo explicar ao leitor por que razão me verá tirar dos meus estudos conclusões diferentes daquelas que à primeira vista se poderia esperar que implicassem; observar, por exemplo, a extrema inferioridade mental das massas, inclusive das assembleias de elite, e ainda declarar que, apesar dessa inferioridade, seria perigoso mexer na sua organização.

É porque a observação mais atenta dos factos da história sempre me mostrou que, em relação aos organismos sociais, sendo tão complicados quanto os de todos os seres, não nos cabe fazê-los sofrer subitamente transformações profundas. A natureza por vezes é radical, mas nunca como a entendemos, e é por isso que a mania de grandes reformas é a coisa mais fatal para um povo, por mais excelentes que teoricamente as reformas possam parecer. Apenas seriam úteis se fosse possível mudar instantaneamente a alma das nações. Mas o tempo é o único a ter esse poder. O que governa os homens são as ideias, os sentimentos e os costumes, coisas que estão em nós mesmos. Instituições e leis são a manifestação da nossa alma, a expressão das suas necessidades. Procedendo dessa alma, instituições e leis não estão em modo de poder alterá-la.

O estudo dos fenómenos sociais não se pode dissociar do estudo dos povos nos quais ocorreram. Filosoficamente, esses fenómenos podem ter um valor absoluto; na prática, têm apenas um valor relativo.

Portanto, ao estudar um fenómeno social é necessário considerá-lo sucessivamente sob dois aspetos muito diferentes. Vemos então que os ensinamentos da razão pura são muitas vezes contrários aos da razão prática. Dificilmente existem dados, mesmo físicos, aos quais essa distinção não se aplica. Do ponto de vista da verdade absoluta, um cubo, um círculo são figuras geométricas invariáveis, rigorosamente definidas por certas fórmulas.

Do ponto de vista do nosso olhar, essas figuras geométricas podem assumir formas muito variadas. A perspectiva pode, de facto, transformar o cubo numa pirâmide ou num quadrado, o círculo numa elipse ou numa linha reta; e essas formas fictícias são muito mais importantes de se considerar do que as formas reais, pois são as únicas que vemos e que a fotografia ou a pintura podem reproduzir. O irreal é, em alguns casos, mais verdadeiro do que o real. Retratar objetos nas suas formas geométricas exatas seria distorcer a natureza e torná-la irreconhecível. Se supusermos um mundo cujos habitantes só podem copiar ou fotografar os objetos sem ter a possibilidade de lhes tocar, seria muito difícil estes terem uma ideia exata das suas formas. O conhecimento desta forma, acessível apenas a um pequeno número de cientistas, apresentaria, além disso, não mais do que um interesse muito fraco.

O filósofo que estuda os fenómenos sociais deve ter em mente que estes, além do valor teórico, têm um valor prático, e que, do ponto de vista da evolução das civilizações, esse é o único que possui alguma importância. Essa observação deveria torná-lo muito cauteloso para com as conclusões que a lógica pareça impor-lhe em primeiro lugar.

Existem ainda outras razões que ajudam a ditar essa reserva. A complexidade dos factos sociais é tal que é impossível abarcá-los como um todo e prever os efeitos da sua influência recíproca. Parece também que, por trás dos factos visíveis, às vezes se escondem milhares de causas invisíveis. Os fenómenos sociais visíveis parecem ser o resultado de um imenso trabalho inconsciente, na maioria das vezes inacessível à nossa análise. Podemos comparar os fenómenos perceptíveis com as ondas que traduzem à superfície do oceano as convulsões subterrâneas que ocorrem e que não conhecemos. Observadas na maioria dos seus atos, as massas exibem frequentemente uma mentalidade singularmente inferior; mas há também outros atos em que parecem guiadas por

aquelas forças misteriosas que os antigos intitulavam de destino, natureza, providência, às quais chamamos *vozes dos mortos*, e cujo poder não podemos ignorar, embora ignoremos a sua essência. Às vezes parecem existir forças latentes que as guiam dentro das nações. Por exemplo, o que existirá de mais complicado, mais lógico, mais maravilhoso do que uma língua? E, no entanto, de onde virá essa coisa tão bem organizada e tão sutil, senão da alma inconsciente das massas? As academias mais eruditas, os gramáticos mais conceituados, apenas registam meticulosamente as leis que regem essas línguas, e seriam totalmente incapazes de as criar. E sobre as próprias ideias geniais dos grandes homens, teremos a certeza de que são exclusivamente obra deles? Sem dúvida que são sempre geradas por espíritos solitários; mas os milhares de grãos de poeira que formam a aluvião de onde essas ideias germinaram não terão sido formados pela alma coletiva das massas?

As massas são, sem dúvida, sempre inconscientes; mas talvez essa mesma inconsciência seja um dos segredos da sua força. Na Natureza, os seres subjugados exclusivamente ao instinto realizam atos cuja maravilhosa complexidade nos surpreende. A razão é algo de muito recente na humanidade, e ainda muito imperfeita para conseguir revelar-nos as leis do inconsciente e, sobretudo, substituí-lo. Em todos os nossos atos a parte do inconsciente é enorme, e muito pequena a da razão. O inconsciente atua como uma força ainda desconhecida.

Então, se quisermos permanecer nos limites estreitos, mas seguros, das coisas que a ciência pode conhecer, e não errar pelo domínio de conjeturas vagas e hipóteses vãs, devemos simplesmente observar os fenômenos que nos são acessíveis e limitar-nos a essa constatação. Qualquer conclusão tirada das nossas observações é, na maioria das vezes, prematura, porque, por trás dos fenômenos que vemos bem, há outros que vemos mal, e talvez até, por trás desses, ainda existam outros que não vemos de todo.

INTRODUÇÃO

A ERA DAS MASSAS

Evolução da época atual. – As grandes mudanças na civilização são consequência de mudanças no pensamento dos povos. – A crença moderna no poder das massas. – Ela transforma a política tradicional dos estados. – Como se processa o advento das classes populares e se exerce o seu poder. – Consequências necessárias do poder das massas. – Só podem ter um papel destrutivo das massas. – É por elas que se conclui a dissolução das civilizações demasiado envelhecidas. – Ignorância geral da psicologia das massas. – Importância do estudo das massas para legisladores e homens de estado.

As grandes convulsões que antecedem mudanças nas civilizações, como a queda do Império Romano e a fundação do Império Árabe, por exemplo, parecem, à primeira vista, determinadas sobretudo por consideráveis transformações políticas: invasões de povos ou queda de dinastias. Mas um estudo mais atento desses acontecimentos mostra que, por trás das suas causas aparentes, encontra-se, na maioria das vezes, como causa real, uma profunda modificação nas ideias dos povos. As verdadeiras reviravoltas históricas não são aquelas que nos surpreendem pela sua grandeza e violência. As únicas mudanças importantes, aquelas das quais

decorre a renovação das civilizações, ocorrem nas ideias, concepções e crenças. Os episódios memoráveis da história são os efeitos visíveis de mudanças invisíveis no pensamento humano. Se esses grandes acontecimentos se manifestam tão raramente, é porque não há nada tão estável numa raça quanto o fundo hereditário dos seus pensamentos.

A era atual atravessa um daqueles momentos críticos em que o pensamento humano está em processo de transformação. Na raiz dessa transformação estão dois fatores fundamentais. O primeiro é a destruição de crenças religiosas, políticas e sociais das quais derivam todos os elementos da nossa civilização. O segundo é a criação de condições inteiramente novas de existência e pensamento, como resultado de descobertas modernas na ciência e na indústria.

Com as ideias do passado, embora meio desfeitas, sendo ainda muito poderosas, e as que as substituirão estando apenas em processo de formação, a idade moderna representa um período de transição e anarquia.

Deste período, forçosamente um pouco caótico, não é fácil dizer agora o que irá resultar um dia. Quais as ideias fundamentais sobre as quais se construirão as sociedades que sucederão à nossa? Ainda não sabemos. Mas o que, de agora em diante, podemos ver claramente é que, para a sua organização, terão de contar com um novo poder, o último soberano da era moderna: o poder das massas. Sobre as ruínas de tantas ideias, tidas como verdadeiras no passado e hoje mortas, de tantos poderes que as revoluções sucessivamente despedaçaram, este poder é o único que se ergueu, e parece destinado a absorver em breve todos os outros. Enquanto todas as nossas crenças antigas estão a oscilar e a desaparecer, enquanto os velhos pilares da sociedade se estão a desmoronar, o poder das massas é a única força que nada ameaça e cujo prestígio só cresce. A era em que estamos a entrar será verdadeiramente a ERA DAS MASSAS.

Se recuarmos apenas um século, a política tradicional dos estados e as rivalidades entre príncipes eram os principais fatores dos acontecimentos. A opinião das massas mal contava e, na maioria das vezes, não contava de todo. Hoje, são as tradições políticas, as tendências individuais dos soberanos, as suas rivalidades, que deixaram de contar e, pelo contrário, é a voz das massas que se tornou preponderante. Esta dita aos reis a sua conduta, e é ela que tentam ouvir. Já não é nos conselhos dos príncipes, mas sim nas almas das massas, que se preparam os destinos das nações.

A chegada das classes populares à vida política, ou seja, na realidade, a sua progressiva transformação em classes dominantes, é uma das características mais marcantes da nossa época de transição. Não foi, na realidade, pelo sufrágio universal, tão pouco influente durante muito tempo, e no início tão facilmente manipulado, que se marcou esta chegada. O nascimento progressivo do poder das massas foi feito em primeiro lugar pela propagação de certas ideias que se implantaram lentamente na mente das pessoas, e depois por associação gradual dos indivíduos, para levar à realização de concepções teóricas. É por meio da associação que as massas formam ideias, se não muito corretas, pelo menos muito definidas nos seus interesses, e tomam consciência da sua força. Fundaram sindicatos perante os quais todos os poderes vão cedendo um por um, associações de categoria que, apesar de todas as leis económicas, tendem a governar as condições de trabalho e os salários. Enviaem às assembleias governamentais representantes despojados de qualquer iniciativa, de toda a independência, e na maioria das vezes reduzidos a serem apenas os porta-vozes dos comités que os escolheram.

Hoje, as reivindicações das massas estão a tornar-se cada vez mais claras, e não visam menos do que destruir de cima a baixo a sociedade atual, para trazê-la de volta ao comunismo primitivo que era o estado normal de todos os grupos humanos antes da

aurora da civilização. Limitação de horário de trabalho, desapropriação de minas, ferrovias, fábricas e terrenos; partilha igual de todos os produtos, eliminação de todas as classes superiores em favor das classes populares, etc. São essas as reivindicações.

Pouco aptas ao raciocínio, as massas são, pelo contrário, muito aptas para a ação. Devido à sua organização atual, a sua força tornou-se enorme. Os dogmas que vemos nascer adquirem logo o poder dos velhos dogmas, ou seja, a força tirânica e soberana que cria o abrigo de discussões. O direito divino das massas substituirá o dos reis.

Os escritores a favor da nossa burguesia atual, aqueles que melhor representam as suas ideias um pouco estreitas, os seus pontos de vista um pouco limitados, o seu ceticismo um pouco superficial, o seu egoísmo por vezes um pouco excessivo, estão completamente em pânico diante do novo poder que veem crescer e, para combater a desordem das mentes, dirigem apelos desesperados às forças morais da Igreja, tão desprezadas por eles no passado.

Eles falam-nos da falência da ciência e, regressados penitentes de Roma, lembram-nos os ensinamentos das verdades reveladas. No entanto, esses novos convertidos esquecem-se de que é tarde de mais. Se a graça realmente os tocou, não poderia ter o mesmo poder sobre as almas pouco inquietas com as preocupações que assediam esses devotos recentes. As massas de hoje não querem saber de deuses que já ontem não queriam, e os quais ajudaram a derrubar. Não há poder divino ou humano que possa forçar os rios a voltarem à sua nascente.

A ciência não entrou em falência e nada tem que ver com a atual anarquia das mentes ou com o novo poder que cresce no meio desta. Ela prometeu a verdade, ou pelo menos o conhecimento das relações que a nossa inteligência pode captar; nunca nos prometeu paz ou felicidade. Soberanamente indiferente aos nossos sentimentos, ela não ouve as nossas lamentações.

Cabe-nos a nós tentar conviver com isso, pois nada pode trazer de volta as ilusões que ela afastou.

Sinais universais, visíveis em todas as nações, mostram-nos o rápido aumento do poder das massas e não levam a crer que pare de crescer. O que quer que nos traga teremos de suportar. Qualquer argumento contra isso é conversa fiada. Poderá certamente ser possível que o aparecimento das massas marque uma das últimas etapas das civilizações do Ocidente, um retorno completo àqueles períodos de anarquia confusa que parecem sempre preceder o florescimento de cada nova sociedade. Mas como evitaríamos isso?

Até agora, as grandes destruições de civilizações muito antigas constituíram o papel mais claro das massas. De facto, não é de hoje que esse papel surge no mundo. A história conta que, desde o momento em que as forças morais sobre as quais uma civilização se apoia perdem o seu domínio, a dissolução final é levada a cabo por aquelas turbas involuntárias e brutais apropriadamente chamadas de bárbaros. As civilizações foram criadas e guiadas até agora apenas por uma pequena aristocracia intelectual, nunca por massas. As massas só servem para destruir. O seu domínio está sempre associado a uma fase de barbárie. Uma civilização implica regras fixas, uma disciplina, a passagem do instintivo ao racional, a previsão do futuro, um alto grau de cultura, condições que as massas, entregues a si mesmas, sempre se mostraram absolutamente incapazes de alcançar. Pelo seu poder destrutivo único, agem como aqueles micróbios que ativam a decomposição de corpos debilitados ou cadáveres. Quando a edificação de uma civilização está podre, são sempre as massas que provocam o seu colapso. É então que surge o seu papel principal e, por um momento, a filosofia do número parece a única da história.

Será o mesmo para a nossa civilização? É isso que podemos temer, mas que ainda não podemos saber.